

Ensino de língua inglesa com foco em pronúncia na modalidade EaD: possibilidades e entraves

Paulo Roberto de Souza Ramos
paulo,rsramos@ufrpe.br
Universidade Federal Rural de Pernambuco

INTRODUÇÃO:

Uma das características mais evidentes da modalidade EaD é o rompimento das barreiras de tempo e espaço. Com a educação a distância, o/a cursista determina – na grande maioria dos casos – quando ocorre os momentos de estudo dentro período disponibilizado pela instituição de ensino superior para a realização de uma determinada disciplina. Também fica a critério do/a estudante aonde estudar, seja na sua residência ou em espaço adequado no seu ambiente de trabalho. Dados do Censo da Educação Superior, apontam que “a matrícula na modalidade EaD esteve presente em 3.219 municípios brasileiros em 2022. Um aumento de 87% quando comparado a 2014”. Em um período de menos de 10 anos, a modalidade aumentou consideravelmente sua presença no território nacional. Dessas matrículas, muitas foram em cursos de licenciatura, com predominância de ofertas feitas no setor privado:

A formação de docentes, por meio das licenciaturas, também foi destaque na pesquisa. Em 2022, foram registradas 1.669.911 matrículas desse tipo de curso. Desse total, 571.929 estão em instituições públicas e 1.097.982 em instituições privadas (INEP, 2023).

Desses cursos de formação de professores/as, mais da metade foi na área de pedagogia, com um percentual nas áreas de Letras, Matemática e demais áreas do núcleo básico do Fundamental. As ofertas no escopo do curso de Letras é maior para língua materna (português), mas há uma boa oferta de cursos voltados para línguas estrangeiras modernas, como o inglês e o espanhol. Pelo destaque dado ao idioma na LDB e na BNCC, o inglês ainda é o mais procurado. Um outro fato a destacar é que a procura por cursos de formação de docentes tem tido uma queda substancial. Segundo matéria no G1, no estado do Paraná, a procura por licenciaturas na rede pública de ensino superior diminuiu em 74% nos últimos 6 anos e essa situação não é exclusiva desse estado sulista, mas representa uma tendência nacional. Essa falta de interesse, pode estar vinculada a questões relativas a condições de trabalho e salariais, mais do que a modalidade na qual é oferecida; no entanto, há determinadas especificidades da oferta de uma língua estrangeira (ou adicional) na modalidade a distância, que podem interferir na decisão de uma pessoa em cursar ou não uma licenciatura em EaD. O presente estudo busca compartilhar reflexões a partir da teoria

linguística e do ensino de línguas estrangeiras e da práxis docente dessa mesma área com vistas a elencar algumas das possibilidades disponíveis para o ensino-aprendizagem de língua inglesa de forma remota e autônoma, com foco na pronúncia e, ao mesmo tempo, são levantados alguns ‘entraves’ para um avanço no trabalho de docentes e discentes com questões fonético-fonológicas atreladas ao processo de ensino-aprendizagem. O arcabouço teórico tem por base os levantamentos e achados de Ramos (2019) sobre o ensino-aprendizagem de pronúncia mediado por meios digitais, as bases de Hermida e Bonfim (2006); Mugnol (2009) e INEP (2023) sobre EaD e questões metodológicas apresentadas por Leffa (1988) e Richards e Rodgers (2022). O estudo também descreve experiências práticas com turma de língua inglesa de nível inicial (A1).

DESENVOLVIMENTO:

A primeira parte do estudo foi uma revisão da literatura sobre EaD a fim de situar o trabalho de formação de professores nessa modalidade. Se por um lado, há princípios universais orientando a EaD; não há como escapar dos parâmetros específicos de cada IES no momento de seguir esses princípios em concordância com sua realidade local e regional, seu corpo docente e seu público-alvo. A maioria dos compêndios com métodos e abordagens que existem e são referências nesse campo não foram elaborados tendo em mente a educação a distância; no entanto, as abordagens e métodos podem ser adaptadas, seja para momentos síncronos ou como orientações para os momentos de autoaprendizagem. O trabalho de Ramos (2019) foi gerado na interface entre a fonolexicografia e a linguística aplicada, com o propósito de oferecer um esboço de uma ferramenta lexicográfica que pudesse ser usada por aprendizes de português que tivessem o inglês como L1. O itinerário da pesquisa percorreu vários momentos sobre o ensino de pronúncia de uma L2 e é justamente esse itinerário que é resgatado para embasar o presente estudo.

RESULTADOS:

As diferentes formas de implementar e administrar os princípios gerais de um curso em EaD impactam diretamente nas opções por abordagens e metodologias voltadas para o ensino de uma língua estrangeira como o inglês. Embora muitos aprendizes saibam algo sobre a língua inglesa, esse conhecimento ‘passivo’ do idioma não é garantia de facilitação do

processo de aprendizagem, mesmo para cursistas que tiveram uma boa base na educação básica. O trabalho com questões sintáticas acerca do idioma parecem ser mais fáceis de sistematização em comparação com questões fonético-fonológicas. Isso talvez se dê pelo fato de questões básicas de sintaxe poderem ser apresentadas de maneira contrastiva entre o português brasileiro (PB) e o inglês, enquanto que questões de fonética e fonologia demandem um maior tempo para apresentação tanto do sistema da língua materna (L1) dos/as aprendizes quanto da língua-alvo (L2).

As ferramentas lexicográficas disponíveis para os momentos de autoestudo e aprendizagem autônoma não são livres de falhas e limitações. A oferta de informação sobre a pronúncia de uma palavra se baseia quase que exclusivamente na percepção de oitiva do item que o/a aprendiz busca aprender. Algumas ferramentas incluem formas rudimentares de apresentação da articulação dos sons com o uso de avatares móveis; a maioria, porém, só oferece a informação por meio de um registro de áudio. Em Ramos (2019) somos alertados a partir da literatura sobre aquisição fonológica que o sistema fonológico da língua dos/as aprendizes pode criar 'ilusões' sonoras para lidar com sons que não fazem parte do seu repertório e esse mesmo sistema pode fazer com que se ouça sons que não estão efetivamente no segmento que escutou e deixe de perceber outros que lá estariam. A transcrição fonética/fonológica poderia ser uma forma de construção da autonomia na hora de fazer anotações e estudar a pronúncia de itens isolados ou em sequências maiores. Entretanto, o trabalho com essa área da fonética não parece ser muito explorado quando comparado com atividades voltadas a outras partes dos estudos linguísticos, como é o caso da sintaxe. As limitações de tempo assumem uma outra dimensão na EaD – não se trata mais de lidar com um horário fechado em um turno em determinado dia, mas uma disciplina precisa terminar para que o/a estudante possa iniciar outra; dessa forma, escolhas precisam ser feitas e tópicos acabam sendo excluídos e pouco trabalhados. O que resta ao/a docente é um trabalho de conscientização sobre o que pode e deve ser feito pelos/as cursistas a fim de atingir o grau de competência que precisam ter.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Conscientização para os fins deste trabalho diz respeito a meios trazer para o nível da consciência aspectos que os/as aprendizes não estejam cientes. Naturalmente, as ações e seu escopo dependerão da carga horária da disciplina e dos objetivos contidos na ementa. O

que é possível fazer de forma prática é usar o tempo que se tem para trabalho nas disciplinas de língua estrangeira para sensibilizar o/a aprendiz sobre as diferenças sistêmicas, no caso do ensino de pronúncia, entre a fonologia da sua L1 em relação à L2 e indicar recursos para ampliar e/ou complementar seu conhecimento sobre questões sobre a pronúncia do idioma que estuda e que irá lecionar. Essa indicação deve ser feita juntamente com as resoluções sobre as limitações e como o indivíduo pode proceder para superar essas limitações, se tiver interesse e tempo de fazê-lo.

REFERÊNCIAS:

INEP. EaD registra 3 milhões de ingressantes em 2022. INEP. Censo da Educação Superior, 2021. Disponível

em : <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/ead-registra-3-milhoes-de-ingressantes-em-2022> . Acesso em: 25 jun. 2024.

HERMIDA, Jorge Fernando; BONFIM, Cláudia Ramos de Souza. A Educação à Distância: História, Concepções e Perspectivas. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p.166–181, ago 2006. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4919/art11_22e.pdf Acesso em: 25 jun. 2024

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em lingüística aplicada**: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236. Disponível em: https://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Metodologia_ensino_linguas.pdf Acesso em: 25 jun. 2024.

MACHADO, Rafael; KRÜGER, Ana; DIONÍSIO, Bibiana. Em seis anos, procura por cursos de licenciatura cai 74% em universidades públicas do Paraná. **G1 Paraná**, 26 de fevereiro de 2024. Disponível em: Acesso em: 25 jun. 2024.

MUGNOL, Marcio. A Educação a Distância no Brasil: conceitos e fundamentos. Revista Diálogos em Educação., Curitiba, v. 9, n. 27, maio/ago. 2009. p. 335-349, Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189117298008.pdf> Acesso em 25 jun 2024..

RAMOS, Paulo R.S. Subsídios para o desenho de um dicionário on-line de pronúncia do português brasileiro para falantes do inglês (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos da Linguagem, UFRGS, dezembro de 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/220574> Acesso em: 25 jun. 2024.

RICHARDS, Jack C.; RODGERS, Theodore S. **Approaches and Methods in Language Teaching** (3ª.ed.) . Cambridge: Cambridge University Press, 2022.